



Com grande festa o Grupo Mirante fez entrega do cobiçado **Troféu Mirante**

• PAG 6 e 7



Fernando Sarney comandou, mais uma festa, a maior do esporte maranhense: a entrega do Troféu Mirante do Esporte

Com as cores e ritmos do nosso Carnaval os Groteworld apresentaram **a Galeria Biancogress**

• PAG 2

Divulgação/Ayrton Valle

MURILO DOMINGUEZ
VENCEDOR
TROFÉU MIRANTE
CATEGORIA AUTOMOBILISMO!

Honoré de Balzac era um "homme à femmes" tão entusiasmado que, aos 56 anos, casado, enroscou-se com uma mulher "fatal", igualmente casada, mas dona de uma "carroceria" e de uma "tête" que lhe fizeram irremediavelmente a sua própria cabeça. Chamava-se Éveline Hanska, mitológica polaca, condessa, com quem iniciou um longo romance que duraria até sua morte, aos 71.

Inebriado por essa mulher, cuja "madureza" lhe conferia sedutora sabedoria nas coisas da vida e do amor, Balzac fez da alcova e da vida cotidiana um laboratório social, "estudando" e amando a condessa a tal ponto que restam poucas dúvidas de quem inspirou o romance mais famoso da França pré-moderna: La Femme de Trente Ans. Quando iniciou seu romance com "l'Etrangère" - como Éveline era conhecida - a musa tinha 32 anos...

A Mulher de Trinta, mais conhecida como a "balzaquiana", nunca mais foi a mesma depois de Balzac. Passou a ser aquela mulher "fronteira", nem velha nem nova, "boa" nas artes de Eros, mas cheia de medos de perder o seu encanto por fadiga do material...

A MULHER DE 50

compondo magnífico afresco da França às vésperas dos tempos modernos

Influenciado pelo viés científico da época, o escritor passou a descrever as pessoas, seus hábitos e suas paixões com o mesmo espírito analítico com que os cientistas descreviam os animais e as plantas. Foi pioneiro em reunir num ciclo de romances - que chamou de A Comédia Humana, para contrapor-se à Divina Comédia, de Dante - um imenso painel da vida social francesa, compondo magnífico afresco da França às vésperas dos tempos modernos.

Mas o próprio Balzac concederia, nos modernos tempos de hoje, um "upgrade" à mulher de 30. Tenho amigas de 50 anos que só

agora começam a se preocupar com a "fronteira" balzaquiana. Tranquilo essas feiticeiras. À custa de lipoesculturas e malhações, regimes e academias, cremes esfoliantes e endorfinas cerebrais, a "mulher de 50" desconcertaria o próprio Honoré...

As "vovós" de hoje não apenas curtem os netos e as netas, como até rivalizam com estas, usando calças de cintura baixa, umbigo à mostra, "piercings" e "tatoos".

As mulheres de 50 fizeram um pacto com o espelho: não envelheceram. E sequer concederam um pacto com o demo, como Dorian Gray. No máximo, fizeram um pacto

com o seu cirurgião plástico - profissional que Balzac não conheceu e, por isso, não "sistematizou". Hoje o cientista social Honoré de Balzac teria que se referir às sedutoras "Mulheres de 60". E ficaria pasmo ao "dobrar" a sua parada: mulher de 60 é, simplesmente, alguém com a "carroceria" da Vera Fischer...

Vovós já não são aquelas velhinhas de almanaque, ou a Dona Benta de Monteiro Lobato. Anciãs precoces, freguesas de cadeiras de balanço e emplastos "Sabiás", as mãos retorcidas pelo reumatismo, tricotando sapatinhos para uma ninhada de netos. Hoje as vovós podem estar tricotando sapatinhos para os seus próprios "gêmeos" de proveta!

Poucas caem nessa armadilha. Hoje as balzaquianas de 50 querem é curtir a vida e brindar à eterna juventude, alcançada com volúpia, suor, malhação e amor no coração.

Honoré tem um trunfo pra fingir "que já sabia" de tudo isso. Afinal, ele se casou com Éveline quando já tinha 71. O bruxo de Tours viveria só mais seis meses, mas morreria feliz. E Éveline Hanska, "a mulher de 30", viúva do Conde, recém completara exatos 50.

Fotos/ Divulgação/ Marcella Simplicio



Rachel e Rosnei Grotewold proprietários da Tintas & Cia, com José Nogueira (representante da Galleria Biancogres)



Claudia Turolla, Allana Eugenio e Karina Maia



Fernanda Arouche



Maria Mourão

LANÇAMENTO GALLERIA BIANCOGRES

Os proprietários da Tintas & Cia, Rachel e Rosnei Grotewold ainda estão comemorando o sucesso da reunião “en petit comité” que realizaram com as cores e os ritmos do Carnaval maranhense para apresentar o novo ambiente a Galleria Biancogress.

Com o conceito “store in store”

os empresários revelaram as novidades aos arquitetos, decoradores e parceiros em uma festiva noite.

Mais que um showroom e um espaço de inspiração a Galleria Biancogres conecta o design, inovação e as principais tendências do mundo.

A noite foi animada pelo Dj Alex Palhano e um “pocket show” de

integrantes do Bicho Terra.

Por lá, os empresários apresentaram esse novo conceito que redefine a maneira de vivenciar os revestimentos. “Aqui, evidenciamos cada detalhe com o propósito de transformar a experiência e despertar novas possibilidades para os projetos” afirma a proprietária Rachel Grotewold.



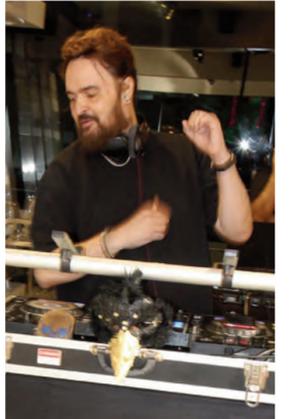
Anna Raquel e Thiago Mota, Rachel e Rosnei Grotewold e Juliana Mota



Allana Eugenio e Karina Maia (Fabrefacio)



Alexandrino Barbosa, Rachel e Maria da Cruz Barbosa



Alex Palhano jornalista e DJ



Ulysses Costa, Igor Mesquita, Rachel Grotewold, Camila Moraes



Maria da Cruz Barbosa e Keila Gella



Ana Paula Braga



Elie Hachem e Hugo Teixeira



Victor e Priscila Cech, com os anfitriões Rachel e Rosnei Grotewold



Cingrid Lopes e Dielle Melo



Bruno Lima, Claudia Turolla e Igor Mesquita (presidente do Grupo Maranhense de Decoração)



Ulysses Costa, Rachel Grotewold e Rejane Medeiros



Iza Moreira e Rosnei Grotewold



Bruno Lima e Camila Moraes



Rachel Grotewold com Ulysses Costa, e Rejane Medeiros



Fiama e Toninho Botelho



Karina Duarte e Rachel Grotewold

Livro instigante

Há algum tempo – não consigo precisar a data – ganhei de um amigo um exemplar do livro “Lendas, Mitos e Mentiras”, de Richard Shenkman. Que ficou guardado na estante até a semana passada, quando decidi mergulhar nesse divertido passeio pela história do mundo, desde a Guerra de Tróia à Segunda Guerra Mundial.

Nele, o autor Richard Shenkman apresenta personagens e eventos fictícios e reais de forma humorada e documentada, exibindo revelações contundentes que provam que boa parte da história é realmente ‘uma fábula sobre a qual as pessoas concordam’.

E durante a leitura podemos ver que grande parte da história tal como a conhecemos sofreu adaptações no desenrolar dos fatos e do tempo, para que se tornasse aceitável à opinião pública de cada época.

E de tanto serem propagadas, tornaram-se verdades incontestáveis.

Livro instigante...2

“Lendas, Mitos e Mentiras” é, sem dúvida, um livro instigante, polêmico e eclético. A impressão que se tem é de que o que nos ensinaram a respeito das grandes revoluções que mudaram o mundo, das religiões e dos reais interesses camuflados pelo domínio da fé, dos destemidos heróis, dos grandes inventores e seus inimagináveis inventos, afinal muito do que conhecemos ou que passamos a conhecer pelos meios de comunicação deve ser questionado.

Richard Shenkman revela que boa parte da História é “uma fábula sobre a qual as pessoas concordam”. Porque cada verdade tem sua própria versão. E a que aprendemos, quase sempre, é escrita pelos vitoriosos, “filtrada pelo prisma de seus preconceitos e interesses”.

Livro instigante...3

Para Richard Shenkman não é verdade, por exemplo, que Nero tocava harpa enquanto Roma queimava; ou que o rei Artur (se é que existiu) morava num castelo; muito menos que Cleópatra, a rainha egípcia (que nasceu na Grécia) era linda.

Nem verdade que Maria Antonieta (mulher de Luis XVI, rei da França) teria dito a uma multidão faminta em frente ao palácio de Trianon: “Se o povo está com fome e não tem pão, que coma brioche”.

Para o escritor, ela nunca disse isso. “Receio que jamais tenha dito algo que merecesse ser citado”.

Verdade apenas, em toda essa história de Maria Antonieta, é que aqueles eram mesmo tempo difíceis. Aristocratas comiam brioche, feitos com trigo refinado. Enquanto o povo tinha que se contentar com pães de massa escura, rústica e grosseira. Feitos de vários jeitos: com bolotas de carvalho, sementes de uvas secas, casca de nozes e farinha de cevada (em certos casos, de aveia); ou juntando restos de farelo de vários cereais, que sobravam nos campos onde eram ceifados.

Livro instigante...4

Aquele protesto diante do Trianon, com certeza, não foi o primeiro. Pouco antes, a população furiosa tomara de assalto a Boulangerie du Faubourg Saint-Antoine (Paris), exigindo que lhe servissem pão branco.

Não atendidos, foram até o Palácio de Versalhes. Para que o rei trouxesse de volta, a Paris, todos os “boulangers” (padeiros) e “petits mitrons” (ajudantes de padeiro) então em serviço nos palácios dos nobres.

Depois Maria Antonieta acabou presa na Conciergerie. E perdeu a cabeça numa estranha máquina que acabara de ser inventada por certo Dr. Guillotin. Mas essa é outra história.

Livro instigante...5

Os estudiosos quase sempre precisaram de tempo para encontrar a origem das frases. É essa dos brioche, a descobrirem em as “Confissões” de Rousseau – que atribui o dito a uma jovem princesa. Sem que se saiba o nome dessa mulher desumana e sem sentimentos.

Certo é que “não poderia ter sido Maria Antonieta, já que ela ainda não nascera à época em que a observação teria sido feita”.

Sem contar que o brioche também nasceu bem antes dela. Sem consenso quanto a sua origem.

Livro instigante...6

Pronunciar frases desastrosas não é privilégio de princesa. Aqui mesmo, não faz muito tempo, outra mulher poderosa, uma ex-ministra, seguiu seu exemplo. Quando aconselhou passageiros, indignados com os repetidos atrasos dos aviões, a “relaxar e gozar”.

Nem original foi. Que essa frase “se o estupro é inevitável, relaxe e goze” já havia sido dita antes, por Tex Antoine – o homem da previsão do tempo de uma televisão americana.

Maria Antonieta perdeu a cabeça, literalmente. Tex Antoine, o emprego. Já a ministra paulista, a chance de manter a boca fechada.



Reunidos no Grand Cru com a presença de Fides Ostbye: Rose Medeiros, Fides, o PH, Nilson Ferraz, José Aparecido Valadão, Ricardo e Maria Luiza Miranda

UMA NOITE AGRADÁVEL NO GRAND CRU

As noites de sábado no bistrô Grand Cru têm uma atmosfera especial por conta da boa música, da ótima frequência e do alto astral do ambiente, um dos melhores da noite de São Luís, comandado por Gabrielle e José Sobral Neto.

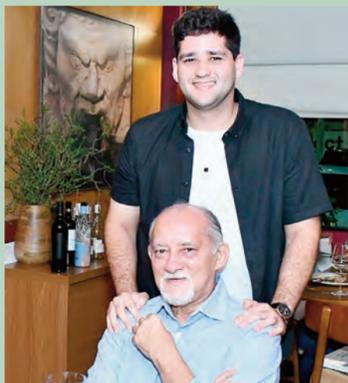
No último fim de semana

não foi diferente. Muitos nomes que fazem mais alegre e elegante a vida social da cidade, marcaram presença no local, em grande estilo.

Na nossa mesa, que já é cativa, uma visita muito especial: da maranhense de Imperatriz, Fides Ostbye, uma cidadã do mundo que,

atualmente, está residindo na cidade de Marbella, na Espanha, numa bela morada com vista para o estreito de Gibraltar.

Fides veio visitar seus familiares em Imperatriz mas fez um pit stop nesta Capital para rever os numerosos amigos que deixou aqui quando residiu entre nós.



Nilson Ferraz e o filho Lucas



Flávia Araújo Ferraz e Cida Valadão



Maria Luiza e Ricardo Miranda



Fides Ostbye e o Repórter PH



Maria Luiza Miranda, Rose Medeiros e Fides Ostbye



Família querida de evangélicos de grande charme e sempre presentes nos lugares da moda



Divulgação

Marcelo Aragão Saldanha circulando em mercado de frutas e verduras. No dia 3 de abril, às 18h, ele autografa seu mais novo livro. “Turismo – nem tudo o que reluz é ouro”, na Livraria AME, no São Luís Shopping. No livro ele propõe “a discussão sagaz e, rigorosamente, delicada – superando as exclusões injustiçadas, minimizando as dissonâncias cognitivas entre as retóricas e a realidade factual”.

Lançamento Literário & Exposição de Arte

A poesia de Francisca Santos ganha vida nas delicadas aquarelas sobre cartão do artista Edymar Santos!

O lançamento do livro “História de Amor em Versos e Pétalas” e a exposição das ilustrações de Edymar, com curadoria de Silvânia Tamer, será na Galeria Trapiche (Av. Dom Pedro II, 241), no próximo dia 3 de abril, às 18h. É a fusão de palavras e imagens!

Mulheres Brillantes

Em um mundo que celebra conquistas e carreiras, a exposição “Mulheres Brillantes” que o fotógrafo Herbert Alves realizará no dia 9 de maio, no Convento das Mercês, é o reconhecimento de que o verdadeiro brilho reside na essência de cada mulher. E assim ele está convidando para participar do projeto um seleto grupo de mulheres que, com suas histórias e presenças, iluminam o mundo de maneira única e inspiradora.

O artista propõe, nessa exposição, celebrar a diversidade do brilho feminino, desde mulheres que se destacam em suas carreiras, até aquelas que, com sua força, resiliência e paixão, inspiram todos ao seu redor.

E acredita que a história e o brilho de cada uma delas merecem ser celebrados e compartilhados com outras mulheres, sendo exclusivamente único evento com tal finalidade no Maranhão.

E para cada uma das mulheres convidadas a participar dessa experiência transformadora, ele diz que ela terá a oportunidade de celebrar sua individualidade e sua beleza única em uma sessão de fotos profissional, ter sua história e seu brilho eternizados em um catálogo de luxo, conectar-se com outras mulheres inspiradoras em um evento de gala exclusivo e vivenciar uma experiência artística única, com fotos e instalações para celebrar a força feminina.

Feira da Foda

Um programa imperdível nesta época do ano em Portugal: a Feira da Foda, cuja estrela é o cordeiro, mas o nome grita alto: de tão chamativa, a festa é um sucesso a cada edição. Este ano acontece de 28 a 30 de março, sempre à moda de Monção e à espera de uns 50 mil visitantes

No centro de tudo, uma especialidade gastronômica. Ao longo da feira, há concertinas, fados, DJ, mostras e folclore, bombos e tuna, vinhos e artesanato, produtores de gado e máquinas agrícolas, tasquinhas.

O que torna especial esse evento, além de, na verdade, saborear a iguaria Cordeiro à Moda de Monção? Isso mesmo, o batismo. Para o mal e para o bem, há que dizê-lo com todas as letras, a Feira da Foda ganhou fama particularmente graças a esse acerto bem-humorado.

Feira da Foda...2

A nova edição do evento, que nasceu apenas em 2017 e que a pandemia parou por três anos, este ano será com temperaturas amenas e sem grandes chuvas.

O nome da feira é levado ao peito com orgulho. Até literalmente: “Uma Foda por dia nem sabe o bem que lhe fazia!” é slogan para produtos, T-shirts incluídas.

Numa festa que se destaca pela sua singularidade e pelo forte vínculo com as tradições e o patrimônio local, é garantida a degustação da Foda, tal como o Cordeiro à Moda de Monção é “designado popularmente”.

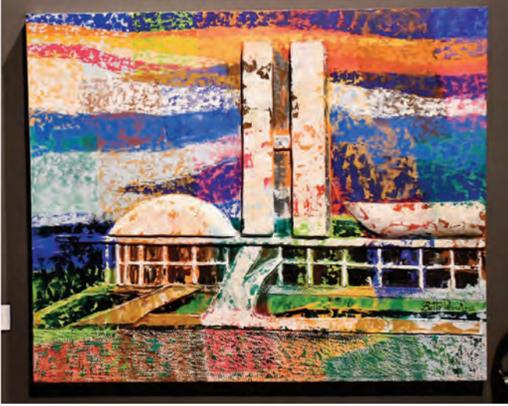
A gênese da Foda

Sobre “a gênese da Foda”, a história é assim contada: os habitantes que iam à feira comprar reses (gado) deparavam-se com vendedores matreiros, que, para que os animais aparentassem ser mais gordinhos, punham “sal na forragem, fato que obrigava o gado a beber muita água. Na feira, o gado aparecia com a barriga cheia de água e pesados, parecendo realmente bem tratados, muito gordos.

Os incautos, que não tinham conhecimento da ‘manha’ compravam aqueles autênticos ‘balões de água’ e, quando se apercebiam do logro, exclamavam à boa maneira minhota: ‘Que grande Foda!’”

E daqui veio a expressão. O termo foi se vulgarizando, ao longo do tempo, e o prato passou a designar-se, por Foda. De tal forma, lê-se nos textos da organização, que é “frequente pelas alturas festivas (Páscoa, Corpo de Deus, Senhora das Dores e Natal ou Fim de Ano) ouvir as mulheres minhotas exclamarem: “Ó Maria, já meteste a Foda?”.

Fotos/Divulgação/Wey Alves e Nina Quintana



A exposição de Betto Pereira cumpre um duplo papel: honra as lutas do passado e desafia o presente a não ser complacente com as liberdades conquistadas

“40 ANOS DA DEMOCRACIA – A ARTE DE BETTO PEREIRA”

A abertura da exposição “40 Anos da Democracia - Entre Traços e Cores”, realizada pela Fundação da Memória Republicana Brasileira (FMRB) em 20 de março, com curadoria do poeta Carlos Dimuro, consolidou-se não apenas como um evento artístico, mas como um ato político e sensorial, num recorte do artista plástico e músico Betto Pereira. Ao unir arte, música, tecnologia e inclusão, a mostra transcendeu o espaço expositivo para se tornar um diálogo multifacetado sobre a memória e os valores democráticos.

Contexto narrativa Visual

Integrando as celebrações pelos 40 anos da redemocratização brasileira, a exposição apresenta 15 obras inéditas de Betto Pereira, cuja técnica híbrida — entre o abstrato e o figurativo — reflete a complexidade da trajetória política do país.

As telas, carregadas de cores vibrantes e simbolismo, atuam como metáforas visuais de conflitos e conquistas.

Ao retratar desde a repressão da ditadura militar (1964-1985) até a euforia da liberdade reconquistada, Betto Pereira não se limita a documentar fatos; ele imprime sua subjetividade, transformando memórias pessoais em narrativas coletivas.

Sua vivência, como testemunha ocular de episódios como as manifestações pela meia-passagem em 1979, confere autenticidade às obras, que funcionam como “fotografias do olhar” — um olhar que mescla dor e esperança.

Multissensorialidade

A exposição destaca-se por romper barreiras sensoriais e sociais. A parceria com o músico Josias Sobrinho, que se juntou a Betto na composição e cantoria da trilha para cada tela, cria uma sinestesia entre imagem e som, ampliando a imersão do público. A música, como foi apresentada ao grande público

presente na abertura da exposição, não é mero acompanhamento, mas uma extensão da narrativa, evocando emoções que dialogam com as pineladas de Betto Pereira.

A inclusão ganha materialidade em recursos como a tela tátil “Com os Três Poderes nas Mãos”, que, com audiodescrição e texturas, permite que pessoas com deficiência visual acessem a representação da Praça dos Três Poderes — símbolo da democracia institucional. As descrições em braille reforçam o compromisso com a acessibilidade, enquanto os óculos 3D, que proporcionam um passeio virtual em 360°, democratizam a experiência artística por meio da tecnologia.

Interatividade

A interatividade não se restringe ao virtual: a exposição provoca reflexão ao incluir uma obra restrita a maiores de 18 anos, que retrata cenas cruéis da repressão ditatorial. Essa decisão curatorial revela um tensionamento entre a liberdade artística e a responsabilidade ética, questionando até que ponto a arte deve expor feridas históricas sem traumatizar. A medida também ressalta que a democracia, embora celebrada, não apaga a violência de seu passado.

Reconstrução

“40 Anos da Democracia - Entre Traços e Cores” é mais que uma retrospectiva; é um manifesto sobre a democracia como processo contínuo, construído na diversidade de vozes, cores e corpos. Ao integrar linguagens artísticas e recursos inclusivos, a FMRB e Betto Pereira reafirmam que a memória coletiva só se sustenta quando é plural e acessível. A exposição, assim, cumpre um duplo papel: honra as lutas do passado e desafia o presente a não ser complacente com as liberdades conquistadas. Como ecoam nas telas e nas composições de Josias Sobrinho, a democracia não é estática — vive na capacidade de incluir, lembrar e transformar.



Betto Pereira e Josias Sobrinho fazendo um “pocket” show



Chico Saldanha e Laura Amélia Damous



Kécio Rabelo e o Repórter PH



Claudete e Roberto Brandão



Teresa Martins entre Rafaela Sarney Murad e sua filha Fernanda Muniz



Lenita e Josias Sobrinho com Teresa Martins



O Repórter PH com Teresa Martins, Nilson, Lucas e Flávia Ferraz, Amaro Santana Leite e Ana Lúcia Albuquerque



Josias Sobrinho em explosão de alegria



Francisco Alexandre de Mello Neto e Felix Alberto Lima



Joda Rabelo (mãe de Kécio), Kécio Rabelo e Ana Maria, Antonio Carlos Medeiros e Nazira (pais de Ana Maria)



Médica Socorro Bispo



Marcelo e o desembargador Marcelino Everton



Médico Thomás Travassos e Ludionora (Lud), com os filhos



O curador da exposição, poeta Carlos Dimuro e o poeta Salgado Maranhão



Nádia Soares e Heloia Santos

Fotos/Divulgação/Herbert Alves



Josias Sobrinho, Kécio Rabelo, Rafaela Sarney Murad, Betto Pereira, Ana Maria Rabelo e Fernanda Muniz



Kécio Rabelo com o designer de sapatos Claudio Carvalho e Josenildo



Anselmo Cardoso de Paiva e Ivana com Claudete Brandão



Roberto Brandão e Maria Vandira Peixoto



Repórter Thárcila Castro, da TV Mirante



Ana Maria e Kécio Rabelo com Walquíria Moraes



Wilson Marques, Roberto Brandão e Felix Alberto Lima



Carlos Dimuro, o Repórter PH e Suzana Pinheiro



Betto Pereira entre os locutores da Rádio Timbira, Mariano Rosa e Robson Júnior



Kécio Rabelo entre Josias Sobrinho e Betto Pereira



Ceres Costa Fernandes e Salgado Maranhão



Beto Pereira com sua mulher Rose e a filha Lara



Amaro Santana Leite e Ana Lúcia Albuquerque, Rafaela Sarney Murad, o Repórter PH e Rafael Saldanha



Walquíria Moraes (chefe do Cerimonial do Governo Carlos Brandão)



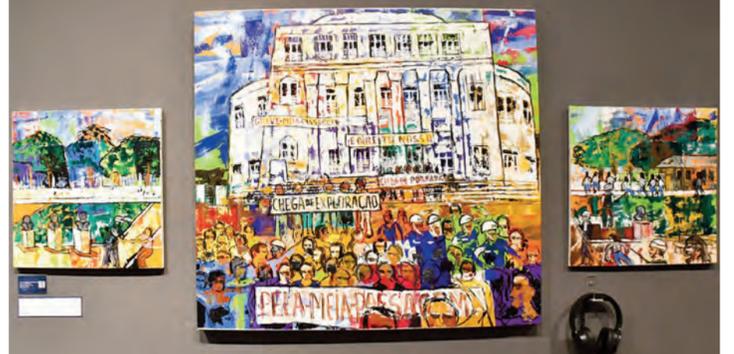
Betto Pereira, Walquíria Moraes, Kécio Rabelo, Carlos Dimuro e Josias Sobrinho



Betto Pereira entre Nilson Frazão Ferraz e esposa Flávia e o filho Lucas



Maristela e Francisco Alexandre de Melo Neto com Claudete Brandão



Mais três obras da nova coleção de Betto Pereira

Fotos/Divulgação/Ayrton Vale/João Neto



Fernando Sarney com um grupo de atletas vencedores, premiados com o Troféu Mirante Esporte

TROFÉU MIRANTE EM NOITE DE CELEBRAÇÕES

A edição deste ano do Troféu Mirante trouxe a ideia de celebrações. Com show de abertura de Pandha e encerramento com o projeto Baile do PV, idealizado pelo cantor e compositor PV Silveira.

As apresentadoras Heloisa Batalha e Janaina Fontenele abriram o evento de forma oficial e anunciando a temática do evento, que foi o "Olhar para dentro", ideia externa para contar a história do próprio Troféu Mirante, que fez 20 anos nesta edição histórica. Nesta trajetória, o "Oscar do Esporte" já premiou cerca de 1.800 atletas maranhenses. E essa história foi resumida em um vídeo exibido a todos os presentes no evento dessa noite.

Na sequência, como acontece em todos os anos da celebração, o presidente do Grupo Mirante,

Fernando Sarney, fez seu discurso. Ele, que é o idealizador da premiação, falou sobre esses 20 anos da iniciativa. "Esse evento tem sido um símbolo de compromisso com a atividade esportiva, com o crescimento e valorização dos nossos talentos. Onde houver uma modalidade esportiva no Maranhão, pode ter certeza, que vai ter uma equipe de jornalismo do Grupo Mirante", disse Fernando, completando: "O Troféu Mirante Esporte é para vocês", se dirigindo aos atletas.

Homenageado

Nessa noite, homenageando o campeão olímpico de vôleibol, José Roberto Guimarães, que tem três medalhas de ouro e cinco pódios olímpicos. Depois de um vídeo com a história do campeão, o próprio Zé Roberto subiu ao

palco e falou com o público. "Eu tive pessoas que acreditaram em mim. Eu também tive muitas oportunidades. Mas eu criei também essas oportunidades. É isso que não podemos desistir", disse o treinador.

Zé Roberto, entre muitas histórias, lembrou também da história do líbero maranhense Nyeme, de Barra do Corda e da Seleção Brasileira. Por fim, o campeão deu uma palavra de incentivo aos atletas: "Resiliência é a palavra, não desistam nunca", disse o técnico da Seleção Brasileira, que, por fim, recebeu um troféu especial.

Na sequência foram chamados ao palco os atletas que ganharam troféus nos 20 anos do Troféu Mirante Esporte. Subiram ao palco Adriele Rocha, Datinha, Frederico Castro, Fábio Cadasso, Nicolou Leitão, João Afro, Gilson Buna,

Isadora Costa, Jainara Serra, Júlio Conceição, Katlen Serra, Júlia Nina, Daliane Silva, Isadora Costa, Jéssica Albuquerque e Fernando França.

Voto Popular

Um dos prêmios mais democráticos da noite, o "Atleta Juri Popular", escolhido através de votação do público, teve como vencedora a jovem ginasta Ester Guimarães.

Atleta do ano

O prêmio mais concorrido da noite, o "Atleta do ano" foi o Edu, do futebol, atleta do IAPE, um dos destaques do tempo maranhense na Copa São Paulo deste ano de 2025. Esse prêmio é escolhido através de voto dos especialistas.



Fernando Sarney homenageando o campeão olímpico de vôleibol, José Roberto Guimarães, que tem três medalhas de ouro e cinco pódios olímpicos



Teresa Murad Sarney e Marcos Cordeiro Sarney

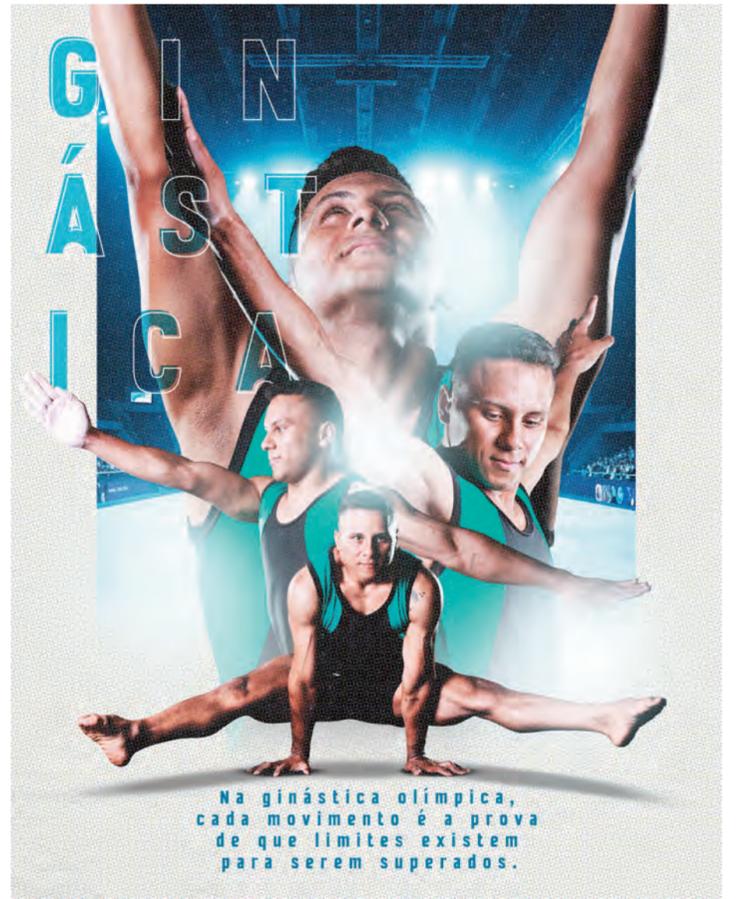


As apresentadoras do evento Janaina Fontenele e Heloisa Batalha



Hugo Caminha com Maria Fernanda e Felipe Santos

Fotos/Divulgação/Ayrton Vale/João Neto



Zeca Soares prestigiou a premiação



Évila Garcia Pinheiro e a filha Ana Gisele Dominguez eram o retrato da felicidade comemorando a vitória do neto e filho Murilo Dominguez, em Automobilismo. Zeca Soares prestigiou a premiação



Veja os campeões de cada modalidade

- ATLETISMO**
Augusto César
- AUTOMOBILISMO**
Murilo Dominguez
- BADMINTON**
Fabiana Teixeira
- BASQUETE**
Ana Carolina
- FUTEBOL DE PRAIA**
Bobô
- CAPOEIRA**
Kemilly Bianca
- CICLISMO**
Jagunço
- FISICULTURISMO**
Wilson Pepeto
- FUTEBOL**
Edu
- FUTSAL**
Vitorinha
- GINÁSTICA**
Ester Guimarães
- HANDBOL**
Yasmin Davilla
- JIU-JITSU**
Luciano Troller
- JOGO DE DAMAS**
Márcio Bigui
- JUDO**
Márcio Barbosa
- KARATÊ**
Radhyja Costa
- KITESURF**
Lucas Pês Fonseca
- LPO**
Rykelme Emanuel
- MOTOCICLISMO**
João Afro
- NATAÇÃO**
Milena Bordalo
- PATIM**
Carlos Breno
- SURF**
Flávio Marão
- TÊNIS DE MESA**
João Lucas Mouchrek
- TÊNIS DE QUADRA**
Bruna Liotto
- TIRO ESPORTIVO**
Camila Maalouf
- TRIATLO**
Sara Dutra
- VÓLEI**
Karyn Vitória
- XADRÊS**
Gabriel Leão
- PARALÍMPICO**
Jardiel



ADOLESCÊNCIA:

“Pensamos que os filhos estão seguros no quarto, mas o mundo lhes entra pelas mãos”

Fotos/Reprodução

Este caderno faz coro com a grande imprensa internacional e volta a comentar a série da Netflix que pinta o cenário do que é ser adolescente hoje no Reino Unido, mas não só, e pode servir de reflexão aos pais, incluindo temas como a masculinidade tóxica.

A trama de Adolescência acompanha uma família cujo filho adolescente de 13 anos é acusado de esfaquear até à morte uma colega de escola. O tema levou o Reino Unido, incluindo o Parlamento, a refletir sobre o uso das redes sociais e a violência que daí advém, incluindo o papel da escola e da família na vida dos adolescentes.

Mas o impacto da série da Netflix, que vimos com especial atenção, estende-se muito além da sociedade britânica e deve ser um ponto de partida para uma reflexão sobre o que é ser adolescente hoje e os exemplos de masculinidade que têm vindo a ser perpetrados nas redes sociais, dizem os psicólogos consultados por este Caderno.

Num dos momentos altos da série, a personagem Adam, filho do policial Luke Bascombe, que investiga a morte de Katie, elucida o pai sobre o que lhe está escapando no novo caso judicial: as conversas online entre a adolescente assassinada e o seu agressor, Jamie, de apenas 13 anos. Mesmo que os pais de Jamie vigiassem atentamente as suas redes sociais, dificilmente perceberiam estar ali a fonte do problema.

Realidade perturbadora

“Esta série retrata uma realidade perturbadora, que está próxima de muitos adolescentes, não só no Reino Unido. É por isso que nos devemos questionar, porque todos integramos uma teia, uma rede de suporte humana e afetiva na comunidade a que pertencemos”, declara uma terapeuta familiar e consultora de direitos da criança.

Adolescência não serve para apontar o dedo aos pais, mas mostra “como podem viver alienados do seu papel de educadores, seguindo com as suas vidas num ritmo frenético de trabalho para sobreviver e garantir os cuidados mais básicos, num registo muito funcional, de pouca comunicação e proximidade emocional”, argumenta um estudioso sobre Proteção de Crianças e Jovens. “É esse cuidado pelo outro que precisa de se tornar viral, para substituir a cultura do medo da indiferença”, insiste.

Famosa psicóloga maranhense concorda: “Esta família retratada na série é aparentemente positiva em termos de comunicação, com dinâmicas de suporte entre todos, mas percebem que podiam ter feito mais para proteger o filho. Pensamos que os filhos estão seguros no quarto, mas o mundo entra pelas mãos adentro no aparelho celular.”

Assim, a psicóloga acredita que ver a série em família pode ser uma oportunidade de introduzir este tema e perceber até “como podemos entrar num universo que se vai fechando”, referindo-se à “linguagem codificada” que aparece em Adolescência, mas que é uma realidade entre os mais jovens, tal como as comunidades restritas em que estes se inserem.

A psicóloga confessa ainda não visto ainda todos os episódios da série, mas acompanha muitos jovens em consulta ou no processo de orientação de carreira e relata um cenário de radicalização online, que resulta em perturbações de oposição. “Os adolescentes estão sem filtro. Gera-se muitos conflitos pela autoridade e desrespeito pelos limites que está sendo impactante, tornando-se até agressivos com as figuras de autoridade. A adolescência é a fase do tudo ou nada.”

Que masculinidade queremos?

A série da Netflix levanta também o véu sobre os incels, os homens involuntariamente celibatários, que se definem pela incapacidade de terem relações, sexuais ou românticas, porque se consideram “sub-humanos”; ou acreditam que as mulheres não prestam. O termo é usado na manófera (conjunto de sites e contas nas redes sociais onde são promovidos ideais misóginos) e consiste na adoção de uma masculinidade dominante e exacerbada que quer recuperar a hegemonia masculina.

O tema tem ganhado proporção nas redes sociais através de influencers, mas também de youtubers. A comunidade chega aos adolescentes através da sua fragilidade e insegurança. “Pessoas com estas personalidades aderem porque querem fazer parte. É empoderador. Sinto-me elemento integrante e ajuda a resolver alguma insegurança. Não havendo uma maturidade de base que acompanhe, não vou conseguir lidar com isto”, defende.

No fundo, tudo leva à “pressão para pertencer”, em que “uma autoestima frágil” potencia o efeito das influências tóxicas. “O cérebro de um adolescente é diferente do de um adulto: estão desenvolvendo o pensamento abstrato. Claramente vão buscar aos pares e influências digitais a substância para se formar. Por isso é que é importante que os pais tenham consciência de quem são essas influências digitais e os amigos”, aconselha a psicóloga.

A personagem Jamie Miller (interpretada pelo jovem ator Owen Cooper) serve para “mostrar os estereótipos que levam a criar revolta”, destaca a psicóloga que prefere não se identificar. “Ele considera-se feio e frágil. Só se sente à vontade para se aproximar quando



A personagem Jamie com a psicóloga que faz a sua avaliação

Katie está frágil. E preciso desmistificar os chavões em torno do que é ser rapaz hoje”, acrescenta. Ela lembra que o exemplo dos pais é importante, e avisa: “Os comportamentos misóginos são construídos com base na cultura da criança, primeiro na família e depois na escola.”

Um problema estrutural

A psicóloga com quem conversamos não esconde que os rapazes “aparecem mais vezes em consulta por questões comportamentais, associadas a dificuldades em gerir a frustração” e relata que muitas vezes estes problemas se ligam a divergências na parentalidade, “em que praticamente a criança está em autogestão, por sua conta e risco, com mães muito permissivas e pais ausentes”. Mas ainda que o “exemplo do pai seja importante, não é determinante”, e há “famílias monoparentais femininas bem-sucedidas”, diz. Isto é: aquelas que exercem “autoridade firme com amor”.

Os números não escondem que os rapazes são mais violentos: no final de 2023, dos mais de 12 mil reclusos nacionais, apenas 900 eram mulheres. E entre o grupo incel, diz um estudo do Journal of Sexual Medicine, também há maiores taxas de ansiedade e depressão.

A cultura de masculinidade veiculada nas redes sociais pode tornar-se mesmo um problema estrutural, analisa a psicóloga, que não coloca o ônus apenas na família, mas também na situação política atual que serviu de sustentação ao proliferar destes exemplos. “Há espaço para tudo, até no Congresso Nacional. Os tempos atuais permitem que todas as expressões possam ter espaço, incluindo os mais extremados.”

Assim, lamenta que “pessoas com muitos seguidores e com determinado tipo de perfil” tenham “tanta expressão”, chegando aos jovens. “Estas crianças com fragilidades deixam-se ir e não têm noção do limite. Sentem que fazem parte e reproduzem este tipo de modelos”, queixa-se. Nestes casos, alerta para comportamentos preocupantes como isolamento, tristeza, dificuldades escolares súbitas, irritabilidade ou agressividade, que devem levar a uma intervenção imediata.

À Solta na Internet

À Solta na Internet coloca três atrizes adultas a passarem por adolescentes de 12 anos. Resultado: foram abordadas por milhares de homens e foram raras os que não as assediaram.

Uma garota de 12 anos, um computador, uma ligação à Internet. O resultado deste cenário tão comum é uma porta escancarada para um mundo que, muitas vezes, se revela diferente do idealizado pelos mais jovens, acabados de sair dos anos da inocência infantil. Foi sabendo disso, e depois de uma experiência com um perfil falso para criar uma curta-metragem a alertar para os perigos que se escondem online, que o cineasta Vít Klusák chamou Barbora Chalupová para, em conjunto, mostrarem de forma crua a realidade vivida por milhares de crianças e adolescentes nas redes na República Checa, mas que é um fiel retrato do que se passa por todo o mundo, o Brasil incluído.

Para tal, abriram um casting para recrutar três atrizes que, sendo todas maiores de idade, exibissem características físicas que lhes permitissem passar por meninas de 12 anos. E, logo aí, surgiu o primeiro choque, ao perceberem que muitas daquelas mulheres tinham passado por situações similares. “Foi o momento em que percebi que o filme era extremamente importante e que precisávamos de o fazer o melhor que pudessemos”, recordou Vít Klusák. Até porque a realidade vivida pelas atrizes e o que era agora encenado não tinha mudado assim tanto: “Fiquei muito surpreendida por a conversa online não ter mudado assim tanto desde o tempo em que eu era uma menina”, apontou a atriz Tereza Tékza, ainda que ressalve não ter deixado de ficar surpresa pela rapidez com que a maioria dos “predadores estava disposta a passar de uma conversa sem importância para temas sexualmente explícitos”.

Ao longo de dez dias, as três atrizes selecionadas, para as quais foram construídos cenários a simular os seus quartos quando teriam mesmo 12 anos, abrem a porta e ficam À Solta na Internet, o título do documentário. Ao

longo desse tempo, as jovens foram abordadas por muitos homens e foram raros os que não tentaram uma conversa sexual. Os restantes não demoraram muito até começarem a enviar fotografias do órgão sexual ou a masturbarem-se diante da webcam. “Senti-me enojada”, recorda Tereza Tékza, ressaltando, apesar de ter havido muita preparação antes de começar a filmar: “Nada pode realmente preparar-nos para isto.”

Os pais precisam ficar mais atentos

No entanto, sublinham os especialistas em cibersegurança, este é um quadro mais comum do que se possa imaginar e não está circunscrito a uma região ou país. O especialista defende que é “essencial” que os pais estejam mais atentos, ainda que não considere que a resposta esteja nas aplicações de controle parental que podem dar uma falsa sensação de segurança. “Ter o computador montado numa área da casa menos privada ou de passagem pode ser um fator dissuasor”, avalia, ainda que observe não existir nada que substitua o diálogo, sobretudo tendo em conta que os jovens são muito mais aptos em termos digitais do que os seus pais.

“O número de casos a envolver predadores sexuais nas redes parece ter aumentado, mas é preciso ver que também aumentou a oferta”, observa o especialista, considerando ser essencial olhar para este fenómeno. Para a psicóloga clínica, especializada na adolescência, a razão é clara: “Solidão. Tenho muitos garotos dizendo que ninguém os escuta.”

É esse o principal motivo, segundo ela, para que tantas crianças e jovens estejam disponíveis para conversar nas redes sociais com estranhos. “Fomos ensinando às crianças a não falar com estranhos na rua, mas virtualmente essa noção do estranho dissipou-se.” Também os pais julgam que os jovens estão em segurança por se encontrarem no conforto das suas casas, mas muitas das vezes a situação online assemelha-se “a uma saída à noite sozinhos”, algo que, para os progenitores, seria impensável permitir.

Com as defesas menos mencionadas pelo fato de se encontrarem na aparente segurança do lar e a passar muitas vezes pela fase do “monstro no espelho” – que se dá por volta dos anos da pré-adolescência e da adolescência e que se caracteriza por o jovem ver refletida uma realidade distorcida de si, regra geral negativa –, “ter alguém a dizer o quão bonitas somos” assume uma importância desmedida, explica a psicóloga. Depois, há a curiosidade típica da idade, nomeadamente no que diz respeito a temas da sexualidade, ainda muito varridos para debaixo do tapete, tanto em casa como na escola. E daí a uma inocente conversa online se tornar um problema vai um passo.

Os problemas, como revela o documentário, não se limitam pelo choque das conversas: há imagens que são captadas e chantagens que começam a tomar forma, sendo a mais imediata a de “vou contar aos teus pais”. Daí que psicólogos apontem a conversa franca entre pais e filhos como a melhor solução para resolver estas situações. Os psicólogos vão mais longe, dizendo que é essencial que os pais verbalizem a ideia de que, por pior que seja o problema, eles estarão lá para defender os filhos.

No entanto, a vergonha cultural que impedia as vítimas de apresentar queixa parece ter cada vez menos importância. Há cada vez mais denúncias, o que mais do que representar um crescimento de casos significa que cada vez menos o peso do crime é carregado pela vítima. “Há crianças que já estão muito atentas, e que denunciam assim que alguém as aborda”, relata, considerando, porém, que ainda há muito por fazer neste campo. Por isso, este documentário “devia passar em todas as escolas do país”, por ser tão “verdadeiro”.

À Solta na Internet resultou em 52 investigações, algumas ainda a decorrer. “A polícia descobriu que a maioria dos predadores estava a conversar/encontrar com crianças reais de 12 anos. Dois homens poderão ser presos, mas sobretudo por outros motivos: um deles tinha muita pornografia infantil no computador e outro estava em liberdade condicional”, avançou o diretor do documentário.

Que os pais fiquem tranquilos!

Coube ao cronista e poeta Fabrício Carpinejar talvez o texto mais bonito escrito no Brasil sobre a série britânica Adolescência, na Netflix. Ele alerta: se você ainda não assistiu a série, não perca tempo, assista.

Cabe um alerta ou spoiler: vem ocorrendo uma indevida e infeliz demonização da adolescência digital. A repercussão não condiz com o conteúdo da ficção. Houve escândalos semelhantes com o filme Kids (1995), escrito por Harmony Korine, ou com o livro Precisamos Falar sobre o Kevin (2003), de Lionel Shriver. Os adolescentes trancados no quarto não estão tramando conspirações ou ataques sangüinários. Não estão destruindo reputações por mensagens cifradas. Aliás, qualquer geração teve seu dialeto.

Grande parte dos adolescentes, inclusive os meninos, não é misógina. Pelo contrário, a marca da nova geração é a sexualidade fluida, a diversidade e a amizade entre os gêneros. O machismo estrutural é muito mais explícito na faixa etária dos pais e dos avós, vítimas dos condicionamentos e da repressão à sexualidade. Talvez a distorção decorra do fato de que o pequeno grupo intolerante da geração alpha seja mais visto (e ruidoso) porque sente menos vergonha de seus preconceitos e experimenta maior exposição nas redes sociais.

Que os pais fiquem tranquilos!...2

Continua Carpinejar: noto que o protagonista de 13 anos, Jamie Miller (interpretado com maestria por Owen Cooper), tem sido generalizado como protótipo coletivo da adolescência. Na história, acusa-no de um crime bárbaro. Ele é tão somente uma exceção, encontra-se longe de ser a regra. Na verdade, é um psicopata mirim, que causa calafrios justamente por sua aparência ingênua e inofensiva, agravada pela sua pequenez e bochechas enrubescidas de querubim. Ninguém imagina que ele é capaz de uma atrocidade.

Porém, ele sofre de um desequilíbrio mental evidente, uma dupla personalidade, com explosões de fúria incontroláveis. Sua passionalidade eclodiria em algum momento, na escola ou na universidade. Não o normalize. É tão inteligente e manipulador quanto Hannibal Lecter. A maldade não tem idade. Ele não tipifica a adolescência atual, diferentemente do que costuma ser dito. Jamie não acontece em todos os lares. Acontece raramente. Tampouco sua família é culpada, por omissão ou indiferença. A paternidade e a maternidade apresentam seus erros e acertos.

Apesar do seu envolvimento de Peter Pan, existe uma complexidade psicológica afeita a desvios de comportamento. Devemos isolá-lo da mídia. Nem todo adolescente virará um assassino depois de ser humilhado ou ofendido.

Instaurou-se um pânico, a partir da exibição da teledramaturgia, de que os pais não sabem o que seus filhos andam fazendo. Tal alarmismo apenas aumentará, sem necessidade, a desconfiança e a patrulha descomunal dos hábitos. Haverá pai ou mãe que não deixará mais o filho sozinho, que irá monitorar o seu celular, invadir a sua privacidade. Não espere o pior dos adolescentes. A adolescência é uma fase de transição, uma invenção contemporânea, em que a autoridade é testada e os votos aos valores são renovados.

Prevalecem os ressaibos de ser atraente ou não, de ser desejável ou não, de ser popular ou não. É o início do contato consciente com o corpo. São naturais os questionamentos sobre o prazer e a individualidade. Talvez tenhamos que ser mais curiosos, e não indiscretos, com o que os jovens pensam e vivenciam. Não percebem o entorno da mesma forma analógica que nós, seus antecessores. Um livro importantíssimo, Adolescência em Cartaz, dos gaúchos Mário e Diana Corso, explica esse inédito caleidoscópio:

“Os adolescentes conectados comunicam-se em tempo real: o vivido é narrado e partilhado imediatamente, independente de onde estejam”.

Os pais podem ficar tranquilos. Atentos, mas tranquilos. Você não está fabricando um serial killer.



Jamie Miller, um garoto de 13 anos que é acusado do assassinato de sua colega de escola

Evandro Júnior
 evandrojr@mirante.com.br

TAPETE VERMELHO

 [@evandrojr](https://twitter.com/_evandrojr)
 [@evandrojr](https://www.instagram.com/_evandrojr)



Beira Dumar se destaca pela singularidade de seu projeto e por reunir público jovem, bonito e animado todos os fins de semana



Fotos/Divulgação

Presidente do Conselho Deliberativo do Grupo Mirante, Fernando Sarney, entre o presidente da CBV, Radamés Lattari Filho, e o técnico da Seleção Brasileira de Vôlei, José Roberto Guimarães



A empreendedora social Thaynara OG costuma marcar presença no Beira Dumar



A paulista Viviane Saraiva faz um tributo à Marília Mendonça no show desta sexta no Dumar

ATLETAS, FEDERAÇÕES, autoridades e a imprensa estiveram reunidos para celebrar a força e a potência do esporte no Troféu Mirante, que é considerado o Oscar do esporte maranhense, e chegou a sua vigésima edição, premiando atletas que se destacaram em diversas modalidades.

Atletas, federações, autoridades e a imprensa estiveram reunidos para celebrar a força e a potência do esporte no Troféu Mirante, que é considerado o Oscar do esporte maranhense, e chegou a sua vigésima edição, premiando atletas que se destacaram em diversas modalidades.

Desses 20 anos de premiação, há 13 anos o evento conta com o patrocínio da Equatorial Maranhão, que é também uma das empresas maranhenses que mais investem no esporte, com apoio a atletas, projetos desportivos e sociais relevantes.



Executivos da Equatorial Maranhão, patrocinadora oficial do Troféu Mirante, entre a atleta de ginástica Ester Guimarães, que também tem o patrocínio da operadora



Felipe Saldanha Santos com a esposa Maria Fernanda Sarney Santos



Ministro do Esporte André Fufuca com a esposa, Samira Braide, curtem a programação no Casarão Beira Dumar



Guilherme Lobão e Daniele



Carlos Afonso Melo, superintendente de Sustentabilidade do Grupo Equatorial, Joaquim Haickel, Francila Soares, gerente de Experiência do Cliente da Equatorial Maranhão e Carlos Hubert, executivo de Comunicação e Marketing da Equatorial



Os irmãos gêmeos Adriano e Marcus Sarney



Secretário de Trânsito e Transportes Maurício Itapary e a esposa, Renata Itapary, em uma noite badalada no Beira Dumar



Empresária Guga Fernandes aprovou a casa



Os anfitriões do Troféu Mirante: Teresa e Fernando Sarney com a filha Maria Adriana Sarney Caminha



Diretor de Relações Institucionais da Equatorial Maranhão, José Jorge Soares, entre Nan Sousa e Antônio Américo



A premiada ginasta Ester entre o treinador Jackson Magno e os pais Benezoethe e Renato Guimarães



José Américo Ramos (Residencial Recepções) e Etevaldo Trajano (Vídeo Mapping)

Beira Dumar reabre prometendo segunda temporada ainda melhor do que a primeira

Depois de um período de recesso, o Casarão Beira Dumar, mais badalada casa de eventos da área do Centro Histórico de São Luís, reabre neste fim de semana prometendo uma segunda temporada ainda melhor do que a primeira.

Localizada na Avenida Beira Mar, com acesso pela Praça Gonçalves Dias (e também pela avenida), o espaço é bastante jovial e segue tem ambientação no estilo rústico moderno, com uma vista de tirar o fôlego da Baía de São Marcos e do Rio Anil.

A largada para a nova fase faz uma mistura de ritmos dançantes, mantendo o padrão que lhe garantiu cinco estrelas tão logo abriu as portas para artistas e bandas, entre locais e nacionais.

Neste fim de semana, tem shows da paulista Viviane Saraiva, das bandas Mesa de Bar, Os Parças, Argumento, e dos cantores Mateus Alves, Alvaro Neto e Bruno Shinoda. A convidada especial da sexta é Viviane

Saraiva, artista da música sertaneja que destaca, principalmente, canções da eterna Marília Mendonça, além de outros repertórios.

Viviane, que se destaca também pela simpatia, além da voz firme e afinada, explora bastante o repertório de Marília Mendonça, que faleceu em novembro de 2021.

A programação esquentada ainda mais com a presença da banda Mesa de Bar, com muito arrocho, repertório autoral e homenagens. O cantor Mateus Alves incrementa o evento com uma sequência de forró, formando o combo perfeito para uma noite de sexta-feira de retomada dos trabalhos na casa.

No domingo (30), a programação começa próximo ao pôr do sol e avança até a noite. Estão confirmados shows de Alvaro Neto, Bruno Shinoda, Os Parças e Argumento.



Nyronrod Weber, Max Paavianni e Zeca Soares (Grupo Mirante)



A assessora de imprensa da Equatorial Maranhão, Danielle Vieira, com Cristina Almeida, do Grupo Mirante